



Arte móvel megalítica no Alentejo Central (Portugal): algumas leituras possíveis

Leonor Rocha

(CHAIA Univ. Évora, Portugal)

Resumo:

A arte rupestre no Alentejo conta com cerca de um século de investigação em Portugal tendo-se iniciado, precisamente, numa área megalítica – Pavia - através dos trabalhos desenvolvidos por V. Correia (Correia, 1921).

Paralelamente desenvolve-se um tipo de arte móvel, inserida nos espólios dos monumentos megalíticos alentejanos, que apesar de ter sido referida ainda no séc. XVII, e de ter sido catalogada e descrita inúmeras vezes, só teve estudos verdadeiramente científicos a partir da 2ª metade do séc. XX, com os trabalhos de compilação do casal Leisner, no Alentejo – as Placas de Xisto e os Báculos.

Nas últimas décadas outros investigadores, nomeadamente V. S. Gonçalves e Katina Lillios apresentaram propostas interpretativas para as gravuras presentes nas Placas de Xisto alentejanas.

Procura-se neste trabalho apresentar uma síntese dos trabalhos realizados sobre este assunto mas, também, analisar a sua especificidade, distribuição e simbologia.

1. Os estudos do megalitismo no Sul de Portugal

1.1. O tempo do colecionismo

A descrição ou inventário de monumentos megalíticos no Sul de Portugal, inicia-se bastante cedo, ainda no decurso do séc. XV. De acordo com documentos publicados no século XIX por



Gabriel Pereira (Pereira, 1887: 35), existiam referências a este tipo de vestígios, em documentos antigos, particularmente como servindo de suporte a divisões territoriais.

Nos finais do séc. XIX e inícios do séc. XX, foram escavados e/ ou inventariados inúmeros monumentos megalíticos, por investigadores como Leite de Vasconcellos, Estácio da Veiga, Nery Delgado, Carlos Ribeiro, Gabriel Pereira, Emile Cartailhac, Mattos Silva, Filipe Simões, entre outros.

As intervenções realizadas nestes primeiros tempos regiam-se pela busca do objeto com o intuito de constituir uma coleção de referência no então Museu Etnológico Português, ou de integrar coleções particulares. Nessa perspetiva, as peças que se conseguiam recolher inteiras (recorde-se que o método de escavação utilizado era o da pá e picareta e que se escavava um dólmen num dia) ou as que possuíam qualquer tipo de decoração eram, naturalmente, as mais apreciadas.

Esta procura do objeto tinha ainda outras implicações uma vez que os proprietários com mais recursos e mesmo o Diretor do Museu Etnológico - Leite de Vasconcelos - adquiriam aos populares muitas peças. Este tipo de ação fomentava assim a violação de monumentos como se refere num texto dos finais do séc. XIX “todas ellas foram arrombadas pelo povo, em busca de thesouros...” (Leal, 1874: 476).

Apesar do natural exagero, certo é que os monumentos megalíticos funerários atraíram desde muito cedo a atenção das populações locais, encontrando-se vestígios destas ações desde o período romano e medieval. De acordo com A. C. Santos “*Foi sobretudo a partir da Idade Média que esses monumentos tinham passado a constituir uma fonte profícua de obtenção de objectos para os denominados “gabinetes de curiosidades”, ao mesmo tempo que se incutia no espirito das populações europeias a crença segundo a qual os seus construtores teriam sido figuras imaginárias, gigantes, duendes, feiticeiras, etc.*” (Martins, 2001: 70)

1.2. A alvorada da investigação megalítica

No decurso da primeira metade do século XX, quatro investigadores iniciam trabalhos mais sistemáticos no Alentejo Central (Fig. 1) e, aparentemente, com orientações mais científicas: Vergilio Correia (Correia, 1921), Manuel Heleno (Rocha, 2005) e o casal alemão Georg e Vera Leisner (Leisner, 1948-49; 1951; 1955; 1956; 1959; Leisner e Leisner, 1948-49). O seus trabalhos permitiram obter, pela primeira vez, um conjunto significativo de materiais arqueológicos, mais ou menos contextualizados e relacioná-los com os diferentes tipos de monumentos e cronologias.



Fig.1. Enquadramento da área.

Este avanço no estudo do megalitismo ficaria a dever-se, sobretudo, ao notável trabalho desenvolvido pelo casal Leisner que realizaram um inventário bastante exaustivo de compilação dos dados existentes, com a localização cartográfica de monumentos, demonstrando ainda uma grande preocupação e rigor na elaboração de documentação gráfica de estruturas e de materiais, num quadro geográfico muito amplo.



A partir dos finais dos anos 80 do séc. XX, os estudos sobre o megalitismo regional conheceram um novo impulso e os dados anteriormente publicados pelos Leisner foram analisados e reavaliados sob novas perspetivas. A reavaliação dos espólios à luz dos novos conhecimentos abriu novos caminhos de pesquisa, nomeadamente no que concerne aos Báculos e Placas de Xisto que começam a ser analisados em função da sua presença/ ausência e das suas gramáticas decorativas.

Nos alvares do séc. XXI inicia-se um projeto de investigação, coordenado pelo Prof. Victor Gonçalves, que incide especificamente sobre as Placas de Xisto alentejanas (Projeto “Placa Nostra”). O resultado deste projeto conjuntamente com a síntese de outros trabalhos, efetuados por investigadores nacionais e estrangeiros (Gonçalves, 1970, 1978, 1983-4, 1989, 1991, 1992, 1995, 1999, 2000, 2003a e b, 2004a a c, 2009 e 2011; Lillios, 2004, 2006, 2008; Pinto, 2012), permitiram a divulgação de dados inéditos, em conjunto com textos de síntese que transcendem, em muito, o panorama, já de si excepcional, legado por Georg e Vera Leisner.

Em termos de dispersão geográfica verifica-se ainda que a grande concentração deste tipo de artefactos ocorre no Distrito de Évora. Se partirmos do pressuposto comumente aceite de que o maior número de casos corresponde ao seu foco de origem, podemos então assumir que esta área é, num qualquer ponto, a região embrionária deste fenómeno. De realçar ainda que no Norte Alentejano existem outro tipo de placas, em grés cuja decoração é semelhante às das placas em xisto, sobretudo no que diz respeito às antropomórficas (com a representação da “Deusa – Mãe” ou do “Jovem Ídolo”). Por norma, a decoração geométrica é menos exuberante, talvez porque o próprio suporte não permita a realização de linhas tão finas.

Estas Placas de Grés, com base no argumento anteriormente exposto, deverão ter a sua origem algures no Distrito de Portalegre, ou na vizinha região Estremenha de Espanha. A linha tangencial de separação destes dois fenómenos parece ocorrer no concelho de Estremoz. De



salientar que enquanto as Placas de Xisto aparecem em monumentos do Norte Alentejo, as Placas de Grés desaparecem no Alentejo Central.

Alguns autores têm defendido esta separação como podendo resultar de atitudes de gestão dos recursos existentes (Gonçalves, 1999, p. 114). Esta leitura poderá ser demasiado simplista uma vez que se os dois tipos de placas coexistem no mesmo horizonte temporal e existe uma dispersão das Placas de Xisto para o Norte Alentejo, a presença de Placas de Grés também deveriam estar mais presentes no Alentejo Central. A meu ver esta situação requer, antes de mais, um estudo mais exaustivo mas que numa primeira leitura traduz, a meu ver, diferenças a nível das práticas mágico-religiosas destes grupos.

2. Arte móvel megalítica: as Placas de Xisto e os Báculos

As Placas de Xisto são objetos que se encontram presentes em alguns dos monumentos megalíticos funerários alentejanos, de dimensão, forma e decoração variáveis. Como o próprio nome indicia, o suporte utilizado é o xisto, de diferentes tonalidades.

Os Báculos, mais raros, são objetos também em xisto, com decorações semelhantes às placas, mas em forma de báculo.

O seu aspeto e a riqueza da sua gramática decorativa despertaram naturalmente o interesse dos investigadores que tinham acesso a este tipo de artefactos (por aquisição ou por escavação). Estácio da Veiga (1887) e Leite de Vasconcellos (1897) que trabalharam em monumentos megalíticos funerários no Algarve e no Alentejo, respetivamente, teceram algumas considerações sobre as elas. Estácio da Veiga, por exemplo, refere que “Não se póde porém afirmar que as referidas placas de schisto representem a origem do culto consagrado ao symbolo gerador de vida, conquanto a sua configuração possa vagamente suscitar esta idéa. Podem ter tido mui diversa significação, e até ser possível ainda deduzir-se das condições archeologicas em que sejam achadas mais algumas. Por enquanto nada se sabe.” (Veiga, 1887, p. 439).



Leite de Vasconcellos, nos finais do séc. XIX considerava, pelo contrário que este tipo de objetos tinha um qualquer significado religioso (Vasconcellos, 1897, p. 160).

No decurso do séc. XX e XXI as hipóteses explicativas foram variando entre:

1. O culto a uma deusa feminina, a “Deusa Mãe” (Correia, 1921; Correa, 1924; Gimbutas, 1974; Rodrigues, 1986);
2. A um jovem deus, o denominado “ídolo Almeriense” com origem no Sul de Espanha (Leisner, 1951; Gorbea, 1969);
3. À representação do morto ou dos seus antepassados (Rocha, 2005);
4. Interpretações com base nos padrões geométricos, com função heráldica (Lisboa, 1985; Lillios, 2004, 2006, 2008);
5. Classificações de acordo com a sua forma e decoração (Gorbea, 1969);
6. Classificações atendendo apenas à gramática decorativa (Pinto, 2012);
7. Interpretação mais global que abrange todo o espólio e da sua relação com outras gramáticas decorativas, nomeadamente a dos menires (Bueno Ramirez, 2010).

2.1. Os monumentos estudados por Manuel Heleno

Na década de trinta do século XX, Manuel Heleno realiza uma vasta campanha de inventariação/escavação de monumentos megalíticos funerários no Alentejo Central. Com base nesta amostra, que ascende a cerca de três centenas de monumentos pode-se obter alguns dados muito interessantes sobre este tipo de artefactos (Rocha, 2005). De acordo com os registos realizados por este investigador foram recolhidas Placas de Xisto em 76 monumentos, o que representa 33,3% dos monumentos com espólio.

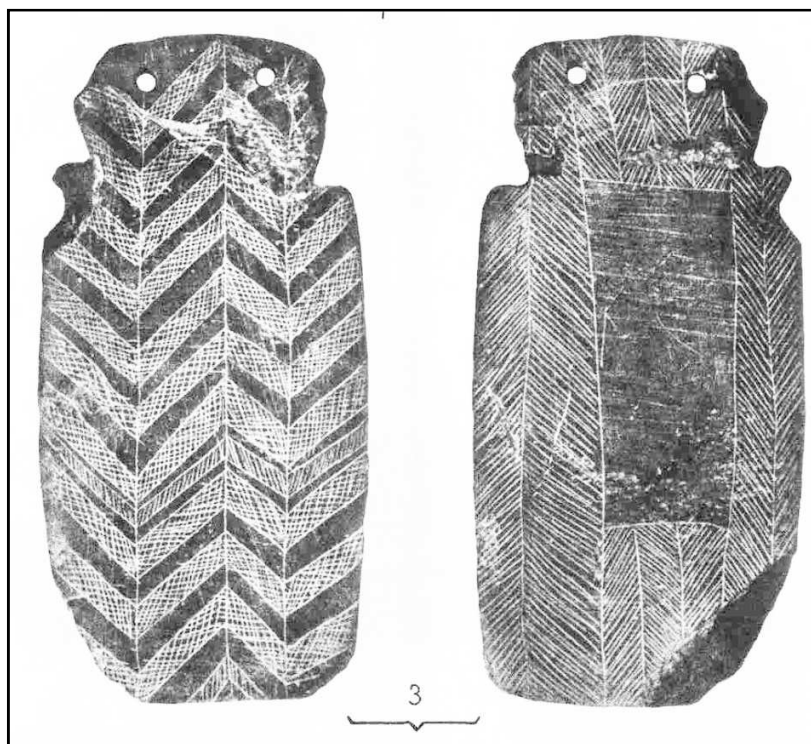


Fig. 2. Placa de xisto antropomórfica da Anta do Passo 1 (Reguengos de Monsaraz, Portugal)

À semelhança de alguns textos anteriores de Leite de Vasconcelos (Vasconcellos, 1923: 169), Manuel Heleno utiliza sistematicamente um termo pouco usual em Portugal quando se refere às Placas de Xisto alentejanas: o “chapão”. No entanto, em textos mais antigos tanto Leite de Vasconcellos como Vergílio Correia utilizaram já a designação de “placa de lousa ou de xisto” (Correia, 1921)

No que diz respeito à decoração presente, é interessante realçar a terminologia utilizada por Manuel Heleno nas suas anotações onde, para a decoração presente nas placas de xisto, utiliza classificações do género: “ornamentação de valor”; “original”; “esmerada”; “de valor” e “preciosíssimo”, “curioso” ou ainda “muito curioso”.

Na realidade o grupo das Placas de Xisto é o que lhe oferece mais comentários, tipológicos e cronológicos nas antas; a ausência destes artefactos remete, normalmente, os monumentos

para os contextos mais antigos, enquanto, por oposição, a sua presença, os situa na fase evolucionada (Rocha, 2005, Volume 2, Anexo 1, p. 48).

As Placas Antropomórficas (Fig.3) são, nesta altura interpretadas como arcaizantes, sobretudo quando os “ídolos antropomorfos” apresentam os braços “ainda desenhados com naturalidade” (Rocha, 2005: Volume 2, Anexo 1, p. 264).

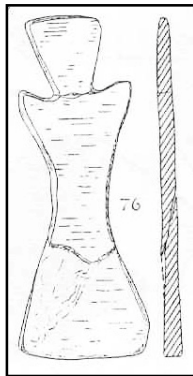


Fig. 3. Placa antropomórfica

Por outro lado, a presença de Báculos remete, sempre, o monumento para cronologias mais tardias, já dentro da Idade do Cobre. De salientar que este investigador refere ter encontrado num dos dólmenes “um esqueleto (...) com um báculo sobre o peito” que “parecia agarrar com a mão direita”. (Rocha, 2005: Volume 2, Anexo 1, p. 129). Esta descrição reveste-se de bastante interesse dado tratar-se de um dos escassos exemplos em que se encontram ossos nesta área uma vez que a grande acidez dos solos impede a conservação dos restos osteológicos, sendo as Placas de Xisto e os Báculos encontrados sem uma associação direta aos indivíduos inumados.



INSTITUTO CUBANO DE
ANTROPOLOGÍA

MEMORIAS

CONFERENCIA INTERNACIONAL ANTROPOLOGÍA

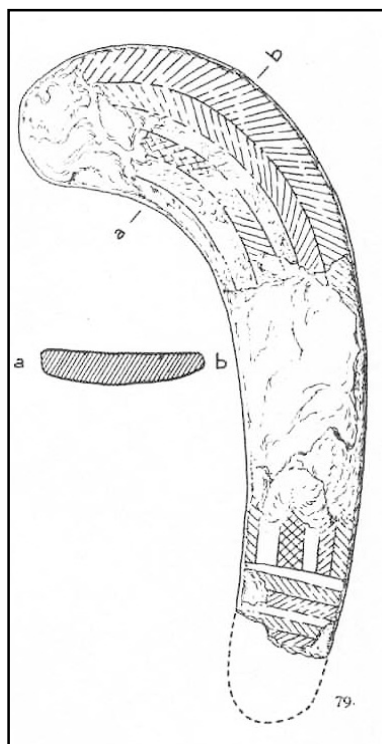


Fig.4. Báculo da Anta Grande da Comenda da Igreja (Montemor-o-Novo)

Manuel Heleno subdivide o grupo das Placas de Xisto em sete subgrupos, em função das descrições apresentadas embora, nalguns casos, se trate de categorias que se sobrepõem: as lisas, as antropomórficas, as oculadas, as geométricas, as placas com decoração dos dois lados, com decoração nos bordos laterais e as indeterminadas. Como se depreende desta listagem, a classificação baseava-se na forma da placa ou na presença/ausência de decoração, não incidindo diretamente nos motivos gravados.

No entanto, na descrição que faz nos *Cadernos de Campo* refere, frequentemente, a existência de triângulos, quadrados, “ângulos” (ziguezagues), losangos e espinhas.

Em termos gerais, Manuel Heleno, no que diz respeito às decorações, registou a presença de placas com motivos oculares em 15 antas, e de placas com figurações antropomórficas em 9



monumentos. A presença de placas decoradas dos dois lados, foi registada em 11 monumentos e apenas em 3 antas existem placas com decoração lateral.

As Placas de Xisto aparecem, essencialmente, em todos os monumentos arquitetonicamente mais evoluídos. Em termos percentuais verifica-se que os três tipos de monumentos com maior percentagem de Placas de Xisto são as antas com corredor muito longo, com corredor longo e com corredor médio, com valores de 85,7%, 74% e 66,6%, respetivamente.

Em relação ao número de placas por monumento, existe alguma variabilidade, dentro de cada um dos tipos de arquitetura considerados, sendo as antas com corredor longo e muito longo, as que apresentam um maior número de placas de xisto.

Os Báculos, geralmente escassos nos diversos conjuntos megalíticos do Alentejo, aparecem, nesta área, num número relativamente elevado de monumentos, mais precisamente em 17 antas.

O número de Báculos por monumento varia entre um e seis. Este número poderá, nalguns casos, estar inflacionado pela contagem individual de todos os fragmentos; ao certo, sabemos que, em mais do que um monumento, foram recolhidos, pelo menos, dois Báculos inteiros.

Quanto à relação entre os Báculos e as arquiteturas, verifica-se que os Báculos aparecem apenas em antas de corredor.

2.2. As gramáticas decorativas

2.2.1. A análise da temática presente nas Placas de Xisto não é, na realidade, um tema fácil de abordar razão pela qual tem suscitado nos últimos anos o desenvolvimento de diferentes teorias, mais ou menos antagónicas. (Bueno Ramirez, 2010; Gonçalves, 2009, 2011; Lillios, 2004, 2006, 2008).

2.2.2. Regra geral as Placas de Xisto são divididas em “cabeça” e “tronco”. A parte superior, ou “cabeça” de uma placa de xisto, quando existe, distingue-se

facilmente da parte inferior devido à existência de traços ou faixas horizontais. Esta separação pode ser ainda mais explícita nas Placas Antropomórficas ou nas de características antropomórficas, que possuem “olhos”, “braços”, “cabelo”, “narizes”, “sobrancelhas”, “ombros” e “tatuagens”.

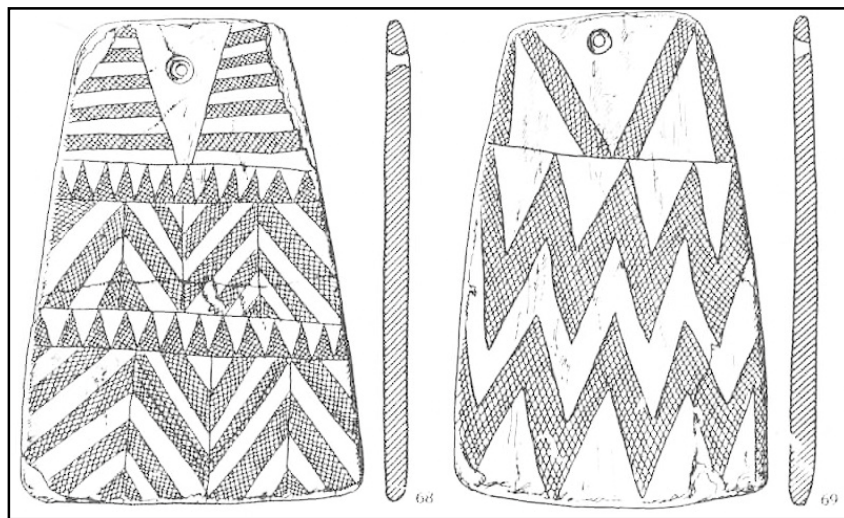


Fig. 5. Placas de Xisto da Anta Grande da Comenda da Igreja (Montemor-o-Novo)

A maior parte das placas possui triângulos lisos, invertidos, localizados sempre no campo central da cabeça. É junto a estes que se regista a presença das perfurações (uma ou duas), no centro deste ou uma de cada lado.

No entanto, nem todas têm um triângulo que possamos classificar de geometricamente perfeito (isósceles ou equilátero). De acordo com um estudo académico recentemente realizado por Luís Pinto, na Universidade de Évora (Pinto, 2012) sobre um conjunto de monumentos megalíticos do concelho de Montemor-o-Novo intervencionado também por Manuel Heleno, uma grande percentagem destes triângulos (36%), não têm os vértices unidos.

Para além da decoração geométrica, mais vulgar e com maior representatividade em termos gerais, surgem também, como se referiu anteriormente, o grupo das Placas Antropomórficas e das Oculadas.

As Placas Antropomórficas possuem a representação explícita do corpo, com individualização da cabeça e dos ombros, por vezes, um estreitamento na área da cintura (jovem Ídolo tipo Almeriense), outras, mais raras, com a apresentação do cabelo na parte traseira. A figuração dos “olhos” (ou símbolos solares) ocorre realizando linhas raiadas em torno das perfurações ou então com o desenho de um círculo. Alguns exemplares apresentam ainda a representação das “sobrancelhas”. Este tipo de decoração que se encontra presente também em algumas cerâmicas simbólicas recuperadas em algumas antas e povoados, parecem ser mais tardias, já dentro do Calcolítico.



Fig.6. Cerâmica com decoração simbólica da Anta Grande do Zambujeiro (Évora). Museu Évora.

Como se referiu anteriormente, as Placas de Xisto são artefactos que desde cedo despertaram o interesse da população e dos investigadores em particular. Nas últimas décadas surgiram estudos mais especializados que conduziram à elaboração de novas teorias interpretativas.



Victor S. Gonçalves, que tem vindo a realizar um amplo programa de inventariação das Placas de Xisto alentejanas com o intuito de criar um Corpus, opta por executar uma extensa análise descritiva das placas a partir da qual cria vários grupos que traduzem a existência de uma ou mais divindades (Gonçalves, 1970, 1978, 1983-4, 1989, 1991, 1992, 1995, 1999, 2000, 2003a e b, 2004a a c, 2009 e 2011):

- Placas que representam o elemento feminino, relacionadas com a protecção na vida e na morte, com a “Deusa Mãe”;
- Placas que representam os denominados “Olhos de Sol”, mais tardias.
- Placas relacionadas com o jovem deus.
- «Placas loucas» - apresentam padrões mais complexos, mistos e desconexos.
- Placas «CTT».
- «Placas com simetria por eixo vertical e as de simetria radiante»
- Placas «híbridas» - com junção de temáticas diferentes.

Katina Lillios, por seu lado, baseou o seu estudo nos desenhos publicados e em algumas colecções presentes nos museus. Bastante crítica em relação a outros investigadores vem desenvolver uma teoria anteriormente esboçada, a das ligações heráldicas (Lisboa, 1985; Lillios, 2004, 2006, 2008). De acordo com a sua leitura as Placas de Xisto identificam linhagens dos clãs, nomeadamente das elites a nível Peninsular. As temáticas decorativas presentes indicam a existência da mistura de pessoas entre as diferentes comunidades e, por outro lado, cada placa é única e representa a genealogia do indivíduo (Lillios, 2008). Serviria como um bilhete de identidade, de autenticidade, que permitira legitimar acções hereditárias territoriais, pastorícia, chefia...



Mais recentemente Primitiva Bueno Ramirez vem aportar novos contributos a esta temática revelando-se bastante crítica em relação às teorias interpretativas existentes, discordando completamente da existência de uma “Deusa – Mãe” por ausência de indícios claros de diagnose sexual. Os denominados “olhos de sol” das Placas de Xisto estão relacionados com os motivos que se encontram presentes também em outros tipos de suporte (calcário, osso, cerâmicas, granito...). A sua leitura aponta para a existência de duas grandes categorias (Bueno Ramírez, 2010):

- A: as Placas Antropomórficas que estão relacionadas com a arte megalítica e outra arte simbólica presente em povoados e antas;
- B: as Placas com decoração geométrica e de forma trapezoidal e rectangular.

L. Pinto prefere analisar as placas em função da sua decoração e respectiva representatividade, considerando a existência de seis tipos (Pinto, 2012):

- Placas com faixas horizontais alternando entre as lisas e as preenchidas (48%);
- Placas com faixas oblíquas verticais preenchidas e lisas que se alternam (37%);
- Placas com M aberto e triângulos (7%);
- Placas que combinam faixas e triângulos (4%);
- Placas com ziguezagues prolongando-se ao longo do corpo (2%);
- Placas com triângulos alternados preenchidos e lisos (2%).

Em termos cronológicos, as datações realizadas em sítios com Placas de Xisto atestam, aparentemente, quase um milénio de utilização deste tipo de artefactos – entre o IV milénio a primeira metade do III milénio, antes de Cristo (Gonçalves, 1999).



3. Na procura do impossível?

Os investigadores da pré-história têm consciência que ao estudarmos um qualquer sítio arqueológico estamos a analisar uma ínfima parte da realidade existente à época... porque uma grande parte dela se perdeu por ser perecível, porque outra se perdeu ao longo dos milénios, porque... Se, na análise da componente artefactual, da distribuição espacial dos sítios, das presenças/ ausências nos deparamos com todas estas dificuldades, tentarmos aceder à mentalidade dos nossos antepassados, aos seus pensamentos mágicos religiosos é, a meu ver, uma tarefa impossível.

O universo das gramáticas decorativas presentes em inúmeros artefactos (cerâmicas, ossos de animais, placas de xisto, Báculos, etc...) insere-se neste mundo do hipotético em que todas as teses são possíveis mas, simultaneamente, todas podem ser irrealistas.

Se analisarmos a temática decorativa das Placas de Xisto e Báculos do Alentejo Central, per si, verificamos que os triângulos preenchidos, as linhas ziguezagueantes, as bandas...existem ao longo dos tempos, em civilizações um pouco por todo o mundo, em diferentes suportes, pinturas faciais, pinturas murais, arte megalítica, etc, etc. Cada uma delas tem o seu próprio significado e servem para identificar algo.

As Placas de Xisto e os Báculos são, inquestionavelmente, artefactos ligados ao mundo dos mortos. Se serviram para identificar grupos, porque não temos duas iguais? Se representam deuses, porque apenas algumas têm os olhos oculados ou a representação mais explícita do corpo humano (ou de um deus)? Se representam o morto ou os seus antepassados, o que significam as gravuras geométricas existentes?

Por outro lado, também as figurações antropomórficas se conhecem em várias regiões do mundo, em diferentes culturas e cronologias diversas. Encontram-se relacionados com a vida e com a morte, são símbolos religiosos, são símbolos guerreiros, étnicos, etc, etc.



Nessa perspectiva, qualquer uma das teorias existente pode ser válida, ou inválida. Ou podemos estar na presença de outra qualquer simbologia que, à luz dos conhecimentos actuais, não conseguimos perceber. O mundo mágico-religioso das antigas comunidades, sem escrita, poderá permanecer para sempre fechado ao nosso entendimento.

4. Bibliografia

ALMEIDA, F. de; FERREIRA, O. (1956) – “Placas de Xisto antropomorfas do Museu Lapidar Igeditano”, *Revista de Guimarães*, vol. LXVI (1-2). Guimarães.

BUENO RAMÍREZ, P. (1992) – “Les plaques décorées alentéjaines: approche de leur étude et analyse”, *L’Anthropologie*, Paris, 96:2-3, pp.574-604.

BUENO RAMÍREZ, P. (2010) – “Ancestros e imágenes antropomorfas muebles en el ámbito del megalitismo occidental: Las placas decoradas”. In CACHO, C; MAICAS, R.; GALÁN, E; MARTOS, J.A. (Coord.) – *Ojos que nunca se cierran: ídolos en las primeras sociedades campesinas*, Madrid, Ministerio de Cultura.

CARDITO ROLLÁN, L.M. (1996) – “Las manufacturas textiles en la prehistoria: Las placas de telas en el Calcolítico peninsular.”, *Zephyrus*, Salamanca. 49, pp. 125-145.

CORREIA, V. (1917) – “Os ídolos placas” *Terra Portuguesa*, ano 2, nº 13-14, pp. 29-35.

GOMES, M. V.; MONTEIRO, J. P. (1976-77) – “As Estelas decoradas da Herdade de Pomar - Estudo comparado”, *Setúbal Arqueológica*, Junta Distrital de Setúbal, vol. II-III.

GONÇALVES, V. S. (1970) – “Sobre o Neolítico na Península de Setúbal, (II. A propósito das duas placas gravadas da Lapa do Bugio)” *Actas das I Jornadas Arqueológicas*, Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, vol. I, pp. 407-421.

GONÇALVES, V. S. (1978) – A neolitização e o megalitismo da região de Alcobaça, Lisboa, Secretaria de Estado da Cultura, pp. 19-20.

GONÇALVES, V. S. (1983-84) – “Cabeço do Pé da Erra (Coruche), contribuição da campanha 1(83) para o conhecimento do seu povoamento calcolítico”, *Clio/Arqueologia I*, pp. 69-75.



GONÇALVES, V. S. (1989) – “Manifestações do sagrado na Pré-História do Ocidente Peninsular: Deusa(s)-Mãe, Placas de Xisto e cronologias”, *Almansi- Revista de Cultura, Montemor-o-Novo*, nº 7, pp. 289-299.

GONÇALVES, V. S. (1991) – Sítios, «Horizontes» e Artefactos: Leituras críticas de realidades perdidas, *Arquivos de Cascais*. Cascais, 10. Revisto e republicado em: Gonçalves, 1995b.

GONÇALVES, V. S. (1992) – Revendo as Antas de Reguengos de Monsaraz, Lisboa, *Cadernos da UNIARQ*, 2, INIC.

GONÇALVES, V. S. (1995) – “ A deusa das placas de xisto”, *História de Portugal dos tempos pré-históricos aos nossos dias*, direcção por João Medina, Alfragide, Clube Internacional do Livro, pp. 310-311.

GONÇALVES, V. S. (1999) – Reguengos de Monsaraz, territórios megalíticos, Lisboa, MNA/UNIARQ, Lda, 1ª edição.

GONÇALVES, V. S. (2000) – Muitas antas, pouca gente? *Trabalhos de Arqueologia*, Lisboa, vol. 16, Instituto Português de Arqueologia.

GONÇALVES, V. S. (2003a) – “Manifestações do sagrado na Pré-História do Ocidente peninsular: 4. “A síndrome das placas loucas”, *Revista Portuguesa de Arqueologia*, nº 6, pp. 131-157.

GONÇALVES, V. S. (2003b) – STAM-3,a Anta 3 da Herdade de Santa Margarida (Reguengos de Monsaraz), Lisboa, Instituto Português de Arqueologia.

GONÇALVES, V. S. (2004a) – “As Placas de Xisto gravadas dos sepulcros colectivos de Aljezur (3º milénio a.n.e.)”, *O Arqueólogo Português*, 22, pp. 163-318.

GONÇALVES, V. S. (2004b) – As deusas da noite: o projecto “Placa Nostra” e as Placas de Xisto gravadas da região de Évora, Lisboa, *Revista Portuguesa de Arqueologia*, pp. 49-72.

GONÇALVES, V. S. (2004c) – Muita gente, poucas antas? Espaços, Origens e contextos do Megalitismo, Actas do 2º Colóquio Internacional sobre Megalitismo, *Trabalhos de Arqueologia*, Reguengos de Monsaraz, Lisboa, 25.



GONÇALVES, V. S. (2006) - «Quelques questions autour du temps, de l'espace et des symboles mégalithiques au Centre et Sud du Portugal [Some questions about times and megalithic symbols in the centre and the south of Portugal]». *Origine et développement du mégalithisme de l'ouest de l'Europe*, vol. I, Bougon, pp. 485-510.

GONÇALVES, V. S. (2009) – As Ocupações Pré-Históricas das Furnas do Poço Velho (Cascais), Lisboa, CMC/UNIARQ, vol. 3.

GONÇALVES, V. S. (2011) – As Placas de Xisto gravadas (e os Báculos) do sítio do Monte da Barca, Lisboa, *Cadernos da UNIARQ*, 7, UNIARQ.

GORBEA, A. (1969) - “Los ídolos-cilíndricos del bronce en la Península Ibérica”, *Trabajos de Prehistoria*, Instituto Español de Prehistoria, Departamento de Prehistoria da la Universidad de Madrid, Madrid, Vol. 26, pp. 221-274.

HURTADO, V. (2010) – “Representaciones simbólicas, sitios, contextos e identidades territoriales”, in CACHO, C; MAICAS, R.; GALÁN, E; MARTOS, J.A. (Coord.), *Ojos que nunca se cierran: ídolos en las primeras sociedades campesinas*, Madrid: Ministerio de Cultura.

LEISNER, G. (1945) – “A Cultura Eneolítica do Sul de Espanha e as suas relações com Portugal”, *Arqueologia e História*, Lisboa, vol. 1, 8ª série, Associação dos Arqueólogos Portugueses.

LEISNER, G. (1949) – “Antas dos arredores de Évora”, *Estudos de História, Arte e Arqueologia*, Évora.

LEISNER, G.; LESINER, V. (1951) – Antas do Concelho de Reguengos de Monsaraz, reimpressão Lisboa, UNIARCH/INIC, 1985, pp. 114-140; 155-167.

LESINER, G.; LESINER, V. (1959) - Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel. Der Westen, 2, Walter de Gruyter, Lieferung, Berlin.

LEISNER, V. (1965) - Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel. Der Westen, Lieferung: Berlin, Walter de Gruyter, 3.

LILLIOS, K. (2002) – “Some new views of the engraved slate plaques of southwest Iberia.” *Revista Portuguesa de Arqueologia*, Lisboa, número 2, volume 5, pp. 135-151.



INSTITUTO CUBANO DE
ANTROPOLOGÍA

MEMORIAS

CONFERENCIA INTERNACIONAL ANTROPOLOGÍA

- LILLIOS, K. (2004) – “Lives of Stone, Lives of People: Re-Viewing the Engraved Plaques of Late Neolithic and Copper Age Iberia”, *European Journal of Archaeology*, nº 7 (2), pp. 125-158.
- LILLIOS, K. (2006) – “Liminal animals, luminal people: the Barn Owl (*Tyto alba*) and the engraved plaques of Late Neolithic and Copper Age Iberia”, *Actas do IV Congresso de Arqueologia Peninsular: Animais na Pré-História e Arqueologia da Península Ibérica, Estudos de Património*. Departamento de História, Arqueologia e Património. Universidade do Algarve, pp. 27-34.
- LILLIOS, K. (2008) – *Heraldry for the Dead*, University of Texas Press.
- LISBOA, I. (1985) – “Meaning and Messages: Mapping style in the Iberian Chalcolithic”, *Archaeological review from Cambridge*, Cambridge.
- MARIA, A.; PINTO, J.S. (1979) – “Problemas de análise descritiva de Placas de Xistogravadas do Megalitismo Português”, *Actas da 1ª Mesa Redonda sobre o Neolítico e o Calcolítico em Portugal*, Porto, trabalhos da G.E.A.P.
- MARTINS, Ana. C. N. (2001) – Estudos pré-históricos e nacionalismos: uma perspectiva possidoniana. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Vol. 4, nº 1. Lisboa: IPA, 61-93.
- OLIVEIRA, J. (2006) – Património Arqueológico da Coudelaria de Alter e as primeiras comunidades agropastoris, Edições Colibri/Universidade de Évora.
- PINTO, L. (2012) - Contributo para o estudo das Placas de Xisto gravadas da Anta 3 do Barrocal das Freiras (Montemor-o-Novo). 2 vols. Évora: Universidade de Évora (tese de dissertação de mestrado, policopiada).
- ROCHA, L. (2005) – Origens do megalitismo funerário...a contribuição de Manuel Heleno, Tese de Doutoramento (Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa), policopiada.
- RODRIGUES, M. (1986) – Código para a análise das Placas de Xisto Gravadas do Alto Alentejo, Câmara Municipal de Castelo de Vide, vol. 1.
- RODRIGUES, M. (1986) – Estudo Ideológico-Simbólico das Placas de Xisto Gravadas, Câmara Municipal de Castelo de Vide, vol. 2.
- VASCONCELLOS, J. L. (1897) – *Religiões da Lusitânia*, Lisboa, vol. I.



VEIGA, S. (1887) – *Antiguidades Monunmentaes do Algarve*, Lisboa, Imprensa Nacional, vol. II, pp. 429-462.

ZBYSZEWSKY, G. (1957) – Comparasion entre une plaque de schiste gravée de Lisbonne et une de Huelva, *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*, Lisboa, XXXVIII.